

O POETA



Carlos Drummond de Andrade

Uma história de Xacriabás

No extremo Norte de Minas Gerais existe um povoado com o nome de Brejo da Fome, e outro chamado Defunto. Precisa dizer mais?

Esses aglomerados lúgubres estão situados na área indígena dos Xacriabás, um povo estimado em 3.800 almas agrupadas em 700 famílias. Não é fácil identificar um Xacriabá legítimo. Infiltraram-se na comunidade indígena pessoas provenientes de outros Estados, que, em face da dureza das coisas, optaram por esse regresso às origens brasileiras. Há um vereador à Câmara Municipal de Itacarambi, tão Xacriabá como o homem que assina esta coluna ou o homem que o lê neste momento, mas deram-lhe a etnia.

A reserva tem singularidades. O repórter de O Jornal de Montes Claros que andou por lá, e de cuja matéria extraio estes apontamentos, observou que os Xacriabás moram do lado de fora. Diz, textualmente: "Não há um só índio que habite a área ocupada pela Funai. Lá dentro moram adventícios, posseiros etc. Moram até alguns assassinos conhecidos, para dar uma tintura vermelha de movimento ao pobre território norte-mineiro. Como a vida está difícil, e eles também precisam viver, o jeito é ir até a sede do município, a cidade de Itacarambi, e lá praticar uns crimes proveitosos, feito o quê asilam-se na reserva, onde gozam de santa impunidade.

Os moradores não incluídos nessa "profissão" estão longe de se considerarem felizes. Desejariam operar seus minifúndios, mas a indefinição da propriedade não lhes faculta recorrer ao crédito bancário. Quem vai emprestar dinheiro a um Xacriabá ou suposto Xacriabá, sem garantia de reembolso? Não obstante, existe comércio na área. É o de cachaça, proibido pela Funai mas inevitável. Aliás, no dia em que se conseguisse acabar com o consumo indiscriminado da cachaça no interior brasileiro, já não valeria a pena viver. Ela substitui os serviços públicos a que a população tem direito, mas que lhe são negados na prática. O grande consolo, o imenso Nirvana, a euforia implícita na garrafa de pinga, que dá prazer e esquecimento, ajudam a manter a unidade e a paz nacionais.

O problema da terra parece insolúvel, pois teoricamente ela pertence aos Xacriabás; na realidade, é objeto de transação entre posseiros desiludidos e fazendeiros que pretendem aumentar seus domínios. Há invasão de propriedades, por falta de loteamento de áreas, e isso induz a meditar sobre o que existe de vago e de fluido no conceito de reserva indígena.

Um Xacriabá cadastrado como remanescente, que participou da FEB e trouxe da Itália como galardão a sua perna de platina, após existência aventureira chegou a adquirir na região seis glebas num total de 200 alqueires, demarcados pela Ruralminas. Seu império foi incorporado à área da reserva, e o índio-herói de Monte Castelo não recebeu indenização. Seu nome civil é José dos Santos Filho e seu apelido, Santo Rico. Compreende-se que ele não morra de amores pela Funai. De resto, muita gente por lá gostaria de se ver livre desse órgão federal que, a julgar pelos depoimentos prestados ao repórter, lhes causa muitas atribulações e dá fraca assistência, a começar pelo Posto de Saúde, que deixa tanto a desejar. Um pequeno Xacriabá foi pedir mercúrio-cromo para uma ferida na perna. "Não podemos aplicar - responderam-lhe no Posto -, o nosso estoque está reduzido."

Na embrulhada da posse das terras, e no desassossego provocado pela livre circulação de criminosos ("Aqui só é respeitado quem já matou alguém", diz um dos moradores), Xacriabás e não Xacriabás vivem num profundo e estranho Brasil, nominalmente protegidos pelo órgão federal, mas reduzidos a uma vida que não é mais selvagem e não chega a ser civilizada. É o que se conclui da reportagem de Fábio Oliva, aqui resumida em alguns de seus tópicos. Parece que uma condenação inapelável paira sobre a sorte desses brasileiros obscuros, a quem não chegaram os prazeres e benefícios da vida urbana. Que fazer? Não sou dos que mantêm preconceito contra a Funai, e reconheço muitos de seus serviços prestados à população indígena, mas quero crer a julgar pelo estado lastimável da reserva Xacriabá, percorrida pelo jornalista, que o serviço nacional de assistência à população indígena padece de graves defeitos estruturais. Lamentavelmente, o problema excede os limites de jurisdição e competência desse órgão. Abrange a grande parte da população brasileira perdida nas brenhas e solidões do País, à margem do processo urbano e de suas possibilidades de vida não puramente animal. Gente condenada à sem-vida ou minivida, para a qual todas as discussões e negociações do Palácio do Planalto e do litoral politizado não têm o menor sentido ou consequência. Gente, em suma, que jaz abandonada e esquecida num lugar chamado Brejo da Fome ou outro chamado Defunto - e haverá tantos por aí.